

A PUC-CAMPINAS É MUITO MAIOR QUE EU...

Angélica Lucía CARLINI *

Um amigo me liga e avisa: “Vai ter concurso externo na PUC para uma matéria que é a sua cara...” E eu pega de surpresa, respondo rapidamente: “ Que isso, imagine, a PUC é muito maior que eu....nem pensar!”

Ouçõ os argumentos: é uma matéria do novo currículo, prioriza o estudo de casos, requer alguém com experiência prática de carreira jurídica, era importante que fosse um docente com visão humanista, enfim, o amigo entende que tenho que pelo menos conhecer a ementa do curso.

Fico tentada a conhecer a ementa e ele diz que é só passar na Faculdade de Direito e pegar o edital do concurso. Vou e enquanto procuro o lugar certo para pegar a ementa encontro o prof. Jamil Miguel, diretor da Faculdade, ex-juiz titular da 5ª Vara de Campinas, pessoa por quem sempre tive grande carinho e admiração.

Aliás, sou recebida com muito carinho por ele também, que pergunta o que estou fazendo por ali. Menciono o concurso e ele diz que vai ter sim, que as inscrições estão abertas e parece se animar, sinceramente, com o meu propósito de prestar o concurso.

Depois de ler a ementa constatei que estava perdida! Eu havia me apaixonado pela disciplina que tinha o pomposo nome de Metodologia e Aplicação ao Direito. Estudo de hermenêutica, reflexão crítica sobre os métodos e a aplicação do direito, possibilidade de muitos estudos de caso, de estudo de problemas, afinidade total com a minha área de atuação e de estudo.

Resolvi prestar o concurso que foi em uma segunda-feira, 28 de fevereiro de 2005, às 09:00 horas. Havia outras duas candidatas e na sala de espera do Centro de Ciências Humanas elas me pareceram mais bonitas, mais simpáticas e muito mais bem preparadas que eu. Confesso que pensei em desistir.

Na banca um clima quase ameno, com boas possibilidades de expor meus objetivos, minhas opções

pelo plano de curso que havia montado, pela bibliografia que havia escolhido. Sai de lá feliz por ter me submetido àquela experiência, embora não muito certa de haver sido aprovada.

Naquele mesmo dia no período da tarde, a secretaria do CCH ligou no meu celular para dizer que eu havia sido aprovada e que no dia seguinte, estava agendada uma reunião com o diretor, Padre Paulo Sérgio.

Fiquei dez por cento feliz e oitenta por cento preocupada com o que teria que enfrentar. Os outros dez por cento eu fiquei agitada e em dúvida: “será que tinha feito a opção correta?” Afinal de contas, falava-se tanto da Faculdade de Direito da PUC, escola de tradição e de história respeitável. Será que haveria um lugar para mim em meio a tanta tradição?

Comecei a dar aulas no dia 04 de março de 2005, às 08:10. Passei pelo portão e observei aqueles dois imponentes leões e me senti um pouco acuada. Era uma linda sexta-feira de verão, o céu azul contrastando com o prédio de um tom de rosa claro. Uma confusão de emoções brotaram e lembrei muito de meu pai, já falecido, que sempre dizia que: “ o peso da lã não é maior do que o carneiro pode carregar”. Em outras palavras, se você está aí é a pessoa certa para estar e pode suportar o desafio.

Cheguei na classe com dez minutos de atraso, mas também pudera, como se entender nesse labirinto de prédios, corredores, escadas que levam ao mesmo lugar e a lugar nenhum? Não fosse o Nino pacientemente explicando e estaria perdida até hoje, tentando encontrar a sala da Naira Brasil.

No segundo horário, depois de aprender a apertar o botão certo da máquina de café da sala dos professores, aula na sala da Lidiani, da Ana Laura, do Guillermo.

No mesmo dia à noite, aula na sala do Paulo Moura e no segundo horário do Daniel e do John. Não se pode

* Professora do Curso de Direito da PUC-Campinas.

dizer que os da segunda aula de sexta-feira à noite tenham ficado muito emocionados com a minha presença, mas os demais até que pareceram gostar do estilo da nova professora.

Na segunda-feira à noite, aula na sala da Clessi e na quarta-feira pela manhã aula na turma do Fernando Galuppo. Pronto, estava fechada a primeira semana e eu havia sobrevivido. A convivência com os alunos estava boa, respeitosa e descontraída ao mesmo tempo.

Na sala dos professores o clima ainda era de um pouco de estranhamento. Quem é essa professora nova? De onde veio? Que matéria está ministrando? Alguns professores eu conhecia de outras instituições e não foi difícil estreitar os laços de camaradagem. Outros eu conhecia só da fama e, confesso, tinha alguns temores de me aproximar: Tereza Dóro, Silvio Artur (o do Andinho), e o incomparável (no humor e na inteligência) Heitor Regina.

Devagar fomos nos conhecendo, aprendendo sobre nós e nos integrando. Mas ninguém contribuiu mais para essa integração do que o querido Padre Haroldo. Com ele eu conversava longamente nas sextas-feiras pela manhã, enquanto fumávamos nosso cigarro em paz, na porta da sala dos professores, acompanhados pelo prof. Maciel.

Chegávamos cedo, bem cedo, por volta das 07:15, só para termos o prazer de ficar mais tempo na companhia uns dos outros, conversando sobre viagens, as que fizemos e as que sabemos que jamais faremos; sobre livros, os que lemos, os que queremos ler e principalmente, os que queremos reler com os nossos novos olhos marejados pela experiência aquilatada na vivência cotidiana; falávamos sobre valores, princípios, sobre a sociedade contemporânea e os desafios plurais deste século.

Ele, Padre Haroldo, era o mais animado, o mais indignado, o mais afoito para falar e expressar seus sentimentos e pensamentos. Era um jovem animado, ainda descobrindo o mundo aos 77 anos e com milhares de importantes reflexões com as quais nos brindava.

Nunca soube que fosse Cônego. Sempre se apresentou como Padre Haroldo, sempre foi o Padre Haroldo e não vou conseguir nunca me referir a ele de outra forma.

No final do ano de 2005, já quase totalmente integrada com os alunos, colegas e funcionários, soube que teríamos troca de toda a administração da universidade,

inclusive da faculdade de direito. Fiquei na torcida silenciosa para que tivéssemos um bom diretor, para eu poder continuar meu trabalho em paz. Feriani nomeado vem a surpresa: um convite para ser assistente de direção.

Aceitei por entusiasmo, aceitei porque estava fazendo o doutorado em educação (já concluído em 2006) e queria colocar em prática o que havia aprendido, aceitei porque não consegui dizer não para aquele homem sincero, íntegro, honesto, que me convidava para participar de um projeto muito especial para ele. Aceitei, enfim, porque sabia que havia me apaixonado pela PUC.

Lá se foi um ano de assistente de direção. Dois anos de PUC completados em março de 2007, precisamente no dia 04.

Os leões já não parecem tão solenes. Em algumas noites quentes, quando saio tarde da PUC porque fiquei assinando contratos de estágio, requerimentos de alunos e carteiras de passe (expressões máximas da importância de uma assistente de direção), no pátio vazio de alunos, professores e funcionários, já surpreendi os leões se espreguiçando preguiçosamente, se preparando para descer e dormir confortavelmente espalhados no pátio. Ah, bom, ninguém supunha mesmo que os leões dormissem naquele lugarzinho incômodo, não é?

Outras vezes, na penumbra do estacionamento de professores (que posso usar enquanto for assistente de direção), sou surpreendida por risos do passado ecoando pelos cantos, risos dos jovens que foram Heitor, Jamil, Teresa, Luis, Paulo de Tarso, Haroldo e outros tantos cujos risos nem sempre reconheço, mas que sei que ainda soam por lá.

São risos, palavras felizes e cheias de esperança que eles, de forma atabalhoada como só os jovens fazem, largaram espalhados em cada canto desse lugar. Algumas vezes, de maneira furtiva, recolho alguns risos e palavras felizes para usar no dia a dia. Sempre é bom ter isso em estoque para uma emergência.

Nessas horas olho pra cima e sempre tem uma estrela ou uma lua bonita como testemunha, me lembrando que a PUC continua muito maior que eu mas que no momento, e queira Deus por muito tempo, eu tenho feito a minha parte para mantê-la grande e respeitada. Não importa o tamanho dela, importa que eu faço parte dele.